

Graduação Pós-Graduação

O ENSINO DE SOCIOLOGIA NO BRASIL: reflexões sobre a relevância da disciplina e do PIBID na formação dos educandos

Kawan de Oliveira Arouca
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS-CPNV)
kawanarouca@gmail.com

Telma Romilda Duarte Vaz
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS-CPNV)
telma.vaz@ufms.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a importância e os desafios do Ensino de Sociologia no Brasil e a formação dos educandos a partir do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) na área de Sociologia. Para esse fim, o artigo faz uma breve contextualização da história do Ensino de Sociologia no Brasil, destacando sua importância e os principais momentos de seu percurso como disciplina nos currículos escolares, oportunizando uma reflexão importante não só sobre a história dessa disciplina, mas também sobre o papel do PIBID-Sociologia na formação de estudantes do Curso de Ciências Sociais, repensando as atividades didáticas no cotidiano escolar, na formação dos educandos e seu papel dentro das escolas públicas. O artigo apresenta um relato de experiência sobre minha trajetória acadêmica como bolsista do PIBID, área de Ciências Sociais. A abordagem adotada no estudo utiliza-se da metodologia qualitativa, da pesquisa bibliográfica e do relato de experiência. Os principais resultados da pesquisa evidenciam a relevância do Ensino de Sociologia na Educação, bem como a importância do PIBID na formação de futuros profissionais da área e, ao mesmo tempo, a contribuição do programa na formação dos estudantes da disciplina de Sociologia no Ensino Médio.

Palavras-chave: Sociologia; Ensino; PIBID; Educação.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a importância e os desafios do Ensino de Sociologia no Brasil, bem como a formação dos educandos a partir do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A ideia é oferecer uma breve contextualização da história do Ensino de Sociologia no Brasil. Destacamos a relevância e alguns dos principais momentos do percurso da Sociologia como disciplina nos currículos escolares, colocando em pauta desafios importantes, não só em relação à Sociologia, mas também o papel do PIBID na formação de estudantes do Curso de Ciências Sociais, propondo a formação de profissionais reflexivos, repensando a adoção de atividades didáticas no cotidiano escolar, na formação dos educandos e seu papel no interior das escolas públicas. A reflexão é realizada em dois momentos, no primeiro, a partir da literatura e no segundo, a partir de um relato de experiência sobre a trajetória de um estudante bolsista PIBID, área de Ciências Sociais – Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Campus de Naviraí da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (n. 9.394 de 1996), a educação engloba diversos processos formativos que se desenvolvem desde a convivência familiar até a participação em movimentos sociais ou na sociedade de modo geral. A Sociologia é uma disciplina que abre portas para que os estudantes desenvolvam o pensamento crítico, condição essencial para a construção de uma visão clara acerca dos acontecimentos sociais, da história e do presente, de forma a permitir o entendimento da realidade em que se vive e assim, refletir e tomar consciência do real, ultrapassando o senso comum num movimento que abarca novas perspectivas, questionamentos e reivindicações em prol de um mundo mais justo.

Embora tenha levado muito tempo para a Sociologia se estabilizar como uma disciplina obrigatória na grade curricular das escolas públicas brasileiras – tópico que será abordado com mais detalhes posteriormente – desde 2008 a Sociologia se tornou disciplina obrigatória e atualmente tem despertado, segundo Moraes (2017), um maior campo de interesse devido a importância da formação crítica que oferece.

Depois de muitas idas e vindas a Sociologia finalmente se estabilizou, embora ainda passe por diversas dificuldades para se adequar aos currículos escolares por problemas pontuais, como por exemplo, a carga horária mínima exigida e praticada pela rede pública estadual.

Somente o Distrito Federal possui quatro aulas semanais de Sociologia¹, enquanto que, na maioria do Brasil, incluindo o Estado do Mato Grosso do Sul, a disciplina de Sociologia possui apenas uma aula semanal, o que dificulta qualquer trabalho e impossibilita o avanço dos muitos benefícios que essa possibilita.

Para pensar a Sociologia como disciplina escolar e seus desafios, é preciso entender um pouco mais sobre sua trajetória. Ao revisitar a história, chegamos a uma das demandas mais importantes do Ensino de Sociologia, que ocorre no momento da transferência de conhecimentos dada pelo professor em sala de aula, ainda marcada por uma linguagem extremamente acadêmica e visão conteudista, colocando em relevo o conteúdo em detrimento da valorização de metodologias que privilegiam o processo de ensino e aprendizagem. Vale a pena destacar que a linguagem sociológica é uma ferramenta importante de interpretação da experiência social que, aliada aos conceitos e teorias próprios da disciplina, assumem também uma forma de discurso característico e repleto de significados e significâncias que precisam ser trabalhados de forma cuidadosa pelos docentes, valorizando as experiências e a realidade dos estudantes.

Nesse sentido, o pressuposto defendido aqui, é de que o PIBID na área de Sociologia oferece oportunidades de aprendizagens e vivências significativas com potencialidades que precisam ser exploradas de forma mais dinâmica tanto pelos docentes quanto por acadêmicos na interação com estudantes do Ensino Médio, com a escola e toda a sua estrutura, medidas simples, mas que oportunizam aos integrantes do programa pensar criticamente as diferenças teorias e a relação entre essas, além da prática na experimentação do cotidiano escolar. A ideia aqui é, portanto, refletir e relatar a partir do olhar da experiência, advinda da participação no programa e das observações oriundas dessa participação, suscitando questões cotidianas da relação entre docentes, acadêmicos (PIBID) e estudantes da disciplina, a fim de repensar as estratégias adotadas pelos docentes tutores do PIBID e professores titulares das disciplinas, o dia-a-dia escolar e a realidade do Ensino da disciplina de Sociologia na escola.

O artigo está dividido em três eixos importantes. O primeiro eixo propõe revisitar a trajetória da disciplina de Sociologia no Brasil, compreendendo que, para examinar a realidade atual é necessário analisar o contexto histórico. No eixo dois, apresento a importância do PIBID

¹ Para mais informações acessar a matéria 'Tempo para ensinar: reflexões em torno do reduzido número de aulas de Sociologia no Ensino Médio.' Disponível em: <<https://abecs.com.br/o-professor-precisa-de-tempo-para-ensinar-reflexoes-em-torno-do-reduzido-numero-de-aulas-de-Sociologia-no-Ensino-medio/>> Acesso em: 02 de julho de 2020.

e sua relação com o Ensino de Sociologia no Ensino Médio, bem como a sua relevância como uma ferramenta de integração entre acadêmicos e a comunidade escolar. Por fim, o terceiro eixo traz o relato de experiência do primeiro autor deste, como aluno bolsista PIBID, fazendo uma reflexão sobre a relação entre a docência, o trabalho do professor, o Ensino de Sociologia e o PIBID para a autoformação dos educandos – alunos do Ensino Médio e acadêmicos integrantes do PIBID – procurando desvelar as nuances e caminhos possíveis para que o Ensino de Sociologia alcance o seu potencial e cada vez mais, contribua para a formação de qualidade e consequentemente, a desalienação social.

Quanto aos caminhos metodológicos, o trabalho apresenta uma abordagem qualitativa, que parte do pressuposto que pessoas agem em função de suas percepções, crenças, sentimentos e valores e assim os seus comportamentos têm um significado que precisa ser desvendado, não sendo possível o reconhecimento de modo imediato, pois como afirmam Alves-Mazzotti e Gewandszajder (1998, p. 147), é sempre bom lembrar que não é fácil sugerir um planejamento de estudos qualitativos, pois “[...] as investigações qualitativas, por sua diversidade e flexibilidade, não admitem regras precisas, aplicáveis a uma ampla gama de casos”. De forma que este estudo se orienta pela perspectiva qualitativa, o relato de experiência.

2. BREVE CONTEXTO HISTÓRICO DO ENSINO DE SOCIOLOGIA NO BRASIL

O trajeto da Sociologia como disciplina no Brasil não foi nada fácil, pelo contrário, foi um processo lento e gradativo até que a disciplina se consolidasse como matéria dentro das instituições educacionais brasileiras, após sofrer diversos boicotes ao longo desse trajeto. A Sociologia foi pensada como disciplina apenas em 1870, por Rui Barbosa, a primeira pessoa a sugerir o ingresso da Sociologia na grade curricular nas escolas, como substituição da disciplina de direitos naturais, mas a proposta nem sequer foi votada. Logo após, em 1890 com a Reforma da Educação Secundária, a Sociologia aparece como proposta para disciplina obrigatória no nível de Ensino secundário, porém a morte do Ministro da Instrução Pública mudou o rumo da proposta e acabou fazendo com que novamente, as possibilidades de a Sociologia entrar no currículo fossem descartadas. No entanto, a disciplina foi sendo introduzida paulatinamente nas escolas, onde eram ministradas por militares, médicos ou advogados, e que assumia um viés conservador para suprir necessidades e interesses do contexto histórico, posteriormente, no início do século XX a Sociologia começou a ser integrada no currículo do atual Ensino Médio,

tanto nas escolas normais quanto nos cursos preparatórios para Ensino Superior (OLIVEIRA, 2013).

Entre os anos de 1920 e 1930 alguns estudiosos brasileiros estavam interessados em descobrir e analisar a formação da sociedade brasileira, sendo os pioneiros a pesquisar o papel dos negros, indígenas e brancos na formação da sociedade brasileira, explicando algumas características dos brasileiros como influência de cada uma dessas raças, essas obras foram: Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda em 1936, Casa Grande & Senzala de Gilberto Freyre em 1933 e por último Formação do Brasil Contemporâneo de Caio Prado Júnior em 1942. Essas obras são consideradas leituras fundamentais para a formação do sociólogo, leitura obrigatória, guardadas as ressalvas e críticas que podemos tecer, assim como muitos estudiosos – e que não nos cabe discutir aqui – às duas primeiras obras mencionadas.

De acordo com Candido (2006), nas décadas de 1930 e 1950 alguns vestibulares importantes começaram a exigir o conhecimento da Sociologia, fazendo com que isso contribuísse para o ingresso da disciplina em mais escolas de Ensino regular, também contribuindo com o crescimento da demanda dos cursos de Ciências Sociais, e assim o curso surgiu na Escola Livre de Sociologia e Política, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e na Universidade do Distrito Federal.

Nas décadas seguintes a Sociologia já abordava outros temas, como direitos trabalhistas por exemplo, visto que o Brasil ainda era uma sociedade pré-industrial, e somente em 1960 preocupou-se em abordar temas a respeito da industrialização. Antes da década de 1940 a Sociologia era disciplina voltada para questões como ética e moral, e após os intelectuais, que foram citados acima, começarem a pensar na formação da sociedade brasileira, a disciplina tomou outro caráter, passando assim a explorar um viés que analisasse problemas sociais, econômicos e políticos, mas não demorou muito tempo para que isso acabasse, no período de ditadura militar, especificamente em 1964, a Sociologia foi banida do Ensino secundarista, voltando a ser uma disciplina facultativa apenas na década de 1980.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), foi fundamental para definir um novo rumo para a Sociologia nas escolas. Na primeira versão da LDB (Lei nº 4.024/61) a Sociologia assumia caráter optativo nos currículos do Ensino Médio, enquanto na LDB (Lei nº 5.692/71) mantém-se optativo, porém adota caráter profissionalizante e tecnicista, o que não deu muito certo, pois as escolas não tinham estruturas para isso e não havia uma demanda tão grande para tantos técnicos, nem condições materiais e recursos. (MORAIS, 2017).

Diante disso, em 1982 o governo resolveu retirar a obrigatoriedade do Ensino técnico profissionalizante, abrindo espaço para que novas disciplinas fizessem parte dos currículos deixando os mesmos mais diversificados. Somente em 1996 com a nova LDB (Lei nº 9.394/96), no artigo 36, § 1º, Inciso III, consta que ao terminar o Ensino Médio, o aluno deverá apresentar domínio nas áreas de filosofia e Sociologia, porém as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (DCNEM) alegam que estes conteúdos devem ser abordados de forma interdisciplinar pela área das ciências humanas (Art. 1 § 2º do artigo 10 da Resolução CNE/CEB nº 3/98). Cabe ressaltar que neste período a Sociologia estava ligada ao exercício de cidadania, relacionado a ética e moralidade, quando na verdade a Sociologia está ligada a política e antropologia, a desnaturalização das concepções ou explicações dos fenômenos sociais e o estranhamento dos mesmos.

Em 1999 a elaboração do Currículo Nacional do Ensino Médio alegava que conhecimentos de antropologia, Sociologia e políticas poderiam ser elaborados não necessariamente por profissionais do campo das Ciências Sociais, fazendo ser considerada com uma concepção ‘transdisciplinar’, posteriormente em 2001 o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, um sociólogo, vetou o projeto de lei que reintroduziu a obrigatoriedade do Ensino de Sociologia e Filosofia no Ensino Médio.

A próxima mudança que contribuiu com um avanço fundamental da Sociologia, como lembra Oliveira (2013), foram as Orientações Curriculares Nacionais (OCN), que afirmaram a relação do Ensino de Sociologia com o processo de desnaturalização e estranhamento da realidade social, em 2006. No mesmo ano o Conselho Nacional da Educação aprovou a introdução da Sociologia e Filosofia como disciplina do Ensino Médio, se efetivando depois com a aprovação da Lei nº 11.684/08 que finalmente colocou a obrigatoriedade na disciplina de Sociologia e Filosofia no Ensino Médio.

3. A SOCIOLOGIA NO CAMPO ESCOLAR E PROGRAMA PIBID

As mudanças ocorridas e a ausência de um modelo formativo que desse sustentação ao Ensino de Sociologia é finalmente contemplado pelo PIBID, que oferece uma formação inicial ao professor da educação básica, um programa importante que vai manter a Sociologia como disciplina dentro das escolas brasileiras. Importante pontuar que a Sociologia atua como espaço de realização das Ciências Sociais no Ensino Médio, cuja finalidade é propiciar aos alunos informações próprias do campo dessa ciência além, segundo a Secretaria de Educação Básica de Brasília (2006, p. 105), de trabalhar os “resultados das pesquisas as mais diversas, que

acabam modificando as concepções de mundo, a economia, a sociedade e o outro, [...] também modos de pensar (Max Weber, 1983) ou a reconstrução e desconstrução de modos de pensar”. Nesse sentido, o PIBID vai atuar como um importante veículo de disseminação das teorias sociológicas, envolvendo os estudantes a desenvolver a capacidade de argumentação – lógicos e empíricos – preparando-os para a análise social, seja de classes e/ou grupos sociais.

3.1 Breve contexto da Sociologia como disciplina escolar

Segundo Hanna Arendt (2000) a escola é um espaço de mediação entre o público e o privado, assim a escola deve contribuir através do currículo e do conhecimento com procedimentos que favoreçam essa relação. O currículo da disciplina de Sociologia deve ser pensado não em termos de parâmetros nacionais, como acontece, mas sim de acordo com a realidade social e econômica de determinado local, contemplando realidades diversas e suas especificidades, para que os alunos se sintam mais à vontade com o conteúdo ensinado, e não como algo distante de sua realidade.

No Ensino Médio é essencial que haja uma preparação para a vida após escola, ou seja, informações políticas e econômicas são fundamentais para que o aluno dê continuidade ao exercício de cidadania. A Sociologia é a disciplina primordial que oferece os elementos essenciais para o entendimento da sociedade, a desnaturalização dos fenômenos sociais, o acesso à informação, conhecimento de direitos e a desnaturalização das desigualdades presentes em sua realidade social.

Nesse sentido, é importante reconhecer o valor e a relevância da Sociologia no Ensino Médio, como argumenta Alvim:

A Sociologia é uma disciplina de suma importância para a educação no Ensino Médio, pois colabora com o crescimento do educando, buscando resgatar a importância de um convívio social saudável. Em sala de aula, a Sociologia abrange vários aspectos da vida do indivíduo, pois traz para a discussão entre os alunos, temáticas do dia a dia, sendo uma forma de aprendizagem diferenciada, resgatando a ideia de sociedade, de relacionamento interpessoal, assim como levando os alunos a refletirem conceitos de importantes sociólogos sobre a vida social (ALVIM, 2019, p. 1)

Algumas décadas atrás a disciplina era proibida no país, considerada como sinônimo de comunismo, o Ensino da Sociologia era lido por muitos como uma coisa perigosa de cunho político como aliciamento e ainda hoje a Sociologia não é compreendida da maneira que deveria ser, ainda é tratado em grande maioria como uma disciplina transversal, e ministrada por professores de outras áreas de humanas, que muitas vezes não tem o domínio necessário para desenvolver seus principais temas e conteúdo.

De acordo com um estudo da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior), órgão que atualmente responde pela formação dos docentes para a educação básica, no Brasil, existiam em 2011, 20.339 profissionais atuando como professores de Sociologia, sendo que apenas 2.499 (12,2%) deles eram licenciados na área, já na última pesquisa feita em 2017, dos 55.752 professores que lecionavam a disciplina de Sociologia no Brasil, apenas 14,7% eram formados na área de ciências sociais e Sociologia, de forma que a disciplina tem sido ministrada majoritariamente por pessoas formadas em outras áreas, havendo um aumento muito pequeno de apenas 2,5% em 6 anos, como podemos ver na figura 1, elaborada por Bodart (2018, p. 46):

Figura 1: Habilitação do professor que leciona Sociologia no Ensino Público no Brasil em 2017.

Tabela 5 – Habilitação do professor que leciona Sociologia no Ensino Básico, Brasil, 2017.

Habilitação/área de formação profissional	Quantidade	Percentual
Licenciatura Ciências Sociais / Sociologia	6.385	11,4%
Bacharelado em Ciências Sociais	1.291	2,3%
Graduado + complementação pedagógica*	494	1%
Outros	47.582	85,3%
Total	55.752	100%

Fonte: BODART (2018, p. 46)

Candido (2008), argumenta acerca da importância da Sociologia como ciência, cuja contribuição é a emancipação do indivíduo ao ajudá-lo a pensar sob a orientação dos fatos, pois se as ciências naturais contribuem para uma percepção organizada do mundo natural, a Sociologia se encarrega de dar ordem a uma percepção caótica dos fenômenos sociais, uma vez que desempenha um papel prático fundamental: o da desnaturalização dos fenômenos sociais.

O papel fundamental da Sociologia na formação dos estudantes é objetivo porque atua para fomentar o pensamento crítico conduzindo ao exercício de cidadania, como diz Carvalho (2002), uma definição mais completa de cidadania abrange além da participação, o sentimento de pertencimento a uma comunidade e a clareza quanto aos direitos. A Sociologia permite a tomada de consciência do real, da consciência política e uma compreensão crítica e participativa da realidade social, dando continuidade no processo de construção da cidadania. O sucesso

nessa etapa da formação dos estudantes pode gerar uma mudança significativa na estrutura da sociedade, não por acaso, essa faceta libertária da disciplina tem alertado governos ditatoriais e ultraconservadores, de forma que a Sociologia sofreu e ainda sofre inúmeras tentativas de boicote e apagamento de seus objetivos, como os sofridos durante o militarismo no Brasil (1964-1985) ou mesmo fora desse período, quando barrada nos currículos escolares ou quando lhe foi atribuído outros conteúdos que não àqueles que lhe são próprios e que a caracterizam.

3.2 O papel do PIBID na formação dos educandos.

Se a disciplina de Sociologia tem um papel fundamental na formação dos educandos, então, “será que o seu objetivo seria o Ensino de teorias, métodos e autores ou a formação de hábitos intelectuais? Por que não ousar e propor o Ensino precoce das Ciências Sociais desde as primeiras séries da educação básica?” (SANTOS, 2017, p. 38).

Ora, a provocação de Santos é extremamente pertinente, pois:

[...] A ciência sociológica constituiria o sistema especialista central da sociedade contemporânea porque uma parcela crescente da população tem acesso aos seus conceitos como um instrumento de reflexão sobre as práticas sociais. Ela reestruturaria reflexivamente seu objeto, os sujeitos sociais, que assim aprendem a pensar sociologicamente. Nesse sentido, a referida ciência e seu objeto deveriam ser compreendidos numa hermenêutica dupla, na qual o conhecimento sociológico espirala dentro e fora do universo da vida social, reconstruindo tanto esse universo, como a si mesmo, como uma parte integral deste processo (GIDDENS, 1991, p.24); (SANTOS, 2017, p. 37)

Podemos imaginar como a Sociologia está longe de conquistar tal realidade, de ser ensinada desde as primeiras séries, visto que mal consegue se estabilizar nas séries de Ensino Médio, como podemos observar em sua trajetória sempre de altos e baixos a mercê da vontade de governos que se servem de suas ideologias baratas para diminuir a importância fundamental da Sociologia para a formação humana.

É nesse sentido que o PIBID opera nas escolas a partir das universidades, cumprindo um papel essencial que preenche, em certa medida, o vazio da carga horária reduzida e o descaso com a disciplina. O PIBID seleciona os bolsistas, esses por sua vez, precisam necessariamente estar matriculados em um curso de licenciatura e dispor de no mínimo 30 horas mensais para cumprir os requisitos do projeto previamente selecionado pelo programa. Rocha (2013) explica que as ações previstas para serem realizadas no PIBID abrangem diversas atividades, tais como: Minicursos, participações em eventos acadêmicos, grupos de estudo, elaboração de artigos, realização de oficinas, aulas práticas, aulas de campos entre outros. O professor/coordenador da Universidade juntamente com o professor de Sociologia da escola beneficiada pelo programa, são os responsáveis por essas ações, sempre pensando no objetivo

de incentivar a aproximação dos acadêmicos com a futura profissão e fortalecendo os processos de identificação profissional.

Assim, o PIBID se torna uma ferramenta de extrema importância para as escolas e universidades. Programas como PIBID visam a prática de ensinar como mais do que simplesmente dar aula, ensinar através da transformação do conhecimento teórico em saberes “complexos e articulados ao contexto específico do professor para que ele possa não somente conduzir o aprendizado do aluno para a reconstrução de conhecimentos” (Rocha, 2013, p. 24), para que o educando possa produzir conhecimento através de suas próprias reflexões, problematizações e análises.

O processo formativo possibilitado pelo PIBID de dar movimento aos saberes próprios da docência contribui, por um lado, para afastar o improvisado e a dependência do futuro professor para com práticas de sujeição a manuais didáticos adotados como referência para sua ação pedagógica. E, por outro, contribuir para fornecer a este profissional o elemento de compreensão e argumentação sobre as condições de trabalho, seus limites, impasses e possibilidades, de maneira a envolvê-lo no debate público sobre o trabalho, desconstruindo idealizações sem base sobre a educação básica. Acreditamos que o PIBID é um espaço fértil desse aprendizado, razão pela qual este estudo buscou evidências empíricas de que a aprendizagem da docência no PIBID se diferencia das demais experiências de formação vividas pelos alunos dos cursos de licenciatura em virtude da riqueza de oportunidades para conhecer seu futuro campo de trabalho, da inserção na Educação Básica, da articulação entre teoria e prática como via para aprender a profissão. (ROCHA, 2013, p. 25)

Em linhas gerais o PIBID tem um papel fundamental para seus participantes, tanto do educando quando do licenciando, vivenciar a rotina da escola, significa estar exposto à suas atividades, cada observação desde assistir aulas até a participação ativa em reuniões, projetos e ministrando aulas, tornando a escola seu objeto de investigação.

Recomenda-se que os conteúdos sejam apresentados na escola a partir de recortes e traduções, para a fácil compreensão dos educandos, diferente da linguagem acadêmica usada nas ciências sociais, pois deve-se levar em consideração que o seu público alvo é o público jovem, cursando uma disciplina obrigatória, não estão sendo formados sociólogos, e sim alunos do Ensino Médio, portanto devem ser utilizado métodos que provoquem a reflexão dos mesmos, e que cause estranhamento, e de preferência algo que rompa a monotonia das aulas apenas expositivas. Como ressalta as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, do Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica:

Esquecem-se as mediações necessárias ou por ignorância ou por preconceito: por ignorância porque muitos professores de cursos superiores desconhecem metodologias de Ensino, estratégias, recursos, etc. que permitiriam um trabalho mais interessante, mais proveitoso, mais criativo e produtivo; ignora-

se mesmo que a aula expositiva seja um caso, talvez o mais recorrente, mas não o único, com que se podem trabalhar os conteúdos de Ensino; o preconceito deve-se à resistência a preocupações didáticas ou metodológicas no que se refere ao Ensino, acreditando-se que basta ter o conhecimento – as informações? – para que se possa ensinar algo a alguém. É necessário, mas não suficiente. (BRASIL, 2006, p. 108)

Assim, vale pontuar a importância do PIBID e seus objetivos, seja de estimular o interesse dos acadêmicos pela docência dentro dos cursos de licenciatura, seja de colaborar com as escolas onde atua, professores e estudantes. Como enfatiza Rocha (2013), o programa cria condições para a aproximação do acadêmico com a comunidade escolar durante sua formação, fomentando processos diversificados de articulação da teoria e prática, fortalecendo o processo de socialização do futuro professor por meio de uma aprendizagem significativa, crítica e estimulante.

3.3 Recortes da experiência – meu encontro com o PIBID

O PIBID do curso de Ciências Sociais do Câmpus de Naviraí (CPNV) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), atua na escola estadual Presidente Médici, e tem como objetivo de promover a integração entre a educação superior e a educação básica, oportunizando aos discentes de cursos de licenciatura iniciarem-se na docência durante a graduação. A experiência como bolsista PIBID (2018-2020), se realizou de forma bastante dinâmica com reuniões semanais, leituras, discussões e apresentações de textos importantes e fundamentais para aplicação do trabalho nas escolas, contemplando desde as questões didáticas, a postura e o comportamento dentro de sala de aula até a formação teórica que fundamentam a realidade do campo escolar.

O Pibid/Ciências Sociais do CPNV se divide em diferentes ações realizadas na universidade, como planejamentos, reuniões e grupos de estudos e ações realizadas na escola, como as observações, regência, apresentação de trabalhos, apresentação de temas pertinentes à comunidade escolar, auxílio na organização de eventos, entre outras atividades. No primeiro semestre os acadêmicos iniciam o período observatório, desenvolvem planejamentos e auxiliam o professor de Sociologia dentro da sala de aula, sempre sob a supervisão e orientação docente. Quando finalmente esses acadêmicos têm preparo suficiente, passam a realizar a regência e começam a lecionar. Assim, constitui-se em um programa essencial na vida do discente e no processo de formação e autoformação para o estudante e profissional da área da educação.

A experiência como bolsista do PIBID, permite destacar momentos de intensidade e desafios, como a experiência de entrar na sala de aula com outra visão, não mais como aluno

do Ensino Médio, nem mesmo talvez, como acadêmico, mas sim como professor, pois no PIBID vive-se a experiência de tal forma que se veste a camisa – ou melhor seria dizer “o jaleco” de professor, pois funciona como um treinamento verdadeiro para quem está disposto a lecionar com mais facilidade ao concluir o curso.

No decorrer da participação no programa, é possível sentir as dificuldades enfrentadas pelos docentes, a maior delas, nesse caso, era estimular a participação de alguns alunos e a transposição de conteúdo. A cada aula é recomendado atentar-se a alguns pontos, buscando melhorar algo na didática e estimular a participação de todos os alunos. Outro ponto importante e marcante foi o processo avaliativo, pois é preciso aprender que, ao sugerir trabalhos avaliativos para os alunos é necessário cautela, organização e planejamento e critérios de avaliação.

É sempre bom ressaltar que a orientação é essencial, o professor deve orientar o máximo possível ao decorrer do desenvolvimento do trabalho, como deve ser feito, quais os melhores lugares para pesquisar e etc. Essa experiência mostrou ainda que o trabalho do PIBID ajuda sobremaneira os estudantes, percebi que os alunos desenvolvem autonomia para pesquisar, ler, aprender e apresentar para a sala da forma que preferir, seja em slide, cartaz, oralmente, ou até através de algum teatro, música, ou dança, desde que esse trabalho lhes pareça prazeroso, e para isso é necessário estar de acordo com a realidade, fazer sentido para os alunos. Essa vivência mostrou a importância de se trabalhar a partir da arte, recurso metodológico capaz de incentivar a criatividade dos alunos no momento de apresentação de seus trabalhos e despertar a sensibilidade do saber prazeroso.

Outra questão relevante que notei e friso aqui, é muito comum entre os alunos do 2º e principalmente 3º ano, os mesmos sempre questionarem a respeito do Ensino superior com os bolsistas do PIBID, sempre traziam muitas dúvidas para ser esclarecidas em diversos âmbitos, à qual a vida acadêmica abrange, buscavam dicas sobre qual curso estudar, como se manter na universidade, a respeito da mudança de município, bolsas e auxílios, entre outras muitas dúvidas em que os “pibidianos”, como costumavam nos chamar, se tornavam as pessoas mais adequadas para respondê-las, justamente pela proximidade conquistada junto a esses alunos.

Por outro lado, ressalto a importância de fugir da monotonia do cotidiano escolar, podemos perceber que em toda turma haverá alunos desestimulados ou sem interesse pela disciplina e uma forma para tentar incluir a participação de todos é procurar sempre inovar e ser criativo na hora de planejar aula. É sempre bom descobrir quais são os interesses da turma

e usar isso ao favor da disciplina, como por exemplo trabalhar com músicas atuais, explorando gêneros musicais que despertam mais interesse entre os jovens e a partir dessas exposições de músicas, fixar o conteúdo com algum tipo de atividade que estimule o pensamento crítico.

Neste período, também notei que vídeos explicativos acerca do tema que está sendo abordado em aula, despertam bastante interesse e a atenção dos alunos. Uma estratégia que deu muito certo e que serve de exemplo, foi quando levamos um vídeo de uma *youtuber*² coreana que mora no Brasil, que tem seu canal intitulado como 'Corretíssima', para que pudéssemos refletir acerca de regimes ditatoriais na Coreia. Os jovens estão cada vez mais familiarizados com este tipo de conteúdo digital, como influencers, blogueiros e youtuber, portanto, só o fato de ser uma pessoa jovem fazendo vídeo para internet e a pessoa relatando algo que viveu, coisas de uma outra realidade social e geográfica, causa um grande interesse nos alunos. No caso deste vídeo escolhido pelos bolsistas, procuramos enfatizar algo que faz parte da realidade deles, como foi o vídeo sobre a vida dos estudantes na Coreia, que causou de início o estranhamento da turma, acarretando numa discussão em sala sobre os regimes ditatoriais, etnocentrismo, curiosidades sobre sociedades orientais entre outros.

Outro destaque importante a que me reporto aqui é o plano de aula, uma aprendizagem significativa e fundamental para o sucesso de uma aula. O plano de aula desenvolvido por mim e colegas pode exemplificar didáticas que saem do cotidiano da aula expositiva e que estimulam a participação de todos os alunos presentes na aula. Este exemplo, se aplica à temática de política, para introdução dos alunos ao tema, porém pode ser adaptada para outros temas. A dinâmica pode ser realizada, por exemplo, da seguinte forma:

Com o auxílio de um dado construído pelos professores e alunos, feito de papelão e EVA, a aula iniciará com uma roda de conversa, com o intuito de descobrir o que cada aluno entende e compreende com relação aos temas e conteúdo que será ministrado na aula de Sociologia. Para aguçar e levar uma reflexão aos alunos, o dado utilizado será representado por números de 1 ao 6, cada número corresponderá à seguinte pergunta:

- 1) O que você entende por política?
- 2) Qual a importância da política na sociedade?
- 3) O que você entende por Ideologia?

² Pessoas que criam conteúdo para a plataforma de vídeos YouTube.

- 4) O que você entende por poder?
- 5) O que você entende por governo?
- 6) Qual a importância da discussão política na escola?

A dinâmica começará com os alunos sentados em círculo, onde cada aluno terá sua vez de jogar o dado tendo a oportunidade de expressar seus conhecimentos iniciais, respondendo à questão respectiva ao lado do dado que caiu ao momento que ele lançou. A intenção da dinâmica é descobrir o que cada aluno, com seus saberes individuais entendem sobre os temas: Política, Poder e Ideologia, para que os professores possam iniciar o conteúdo da próxima aula, a partir do que os alunos demonstraram entender e não entender acerca do conteúdo que foi aplicado, abordando os conceitos sobre os temas.

Contudo, vale lembrar que o primeiro contato dos estudantes com a disciplina de Sociologia na rede de Ensino público se dá apenas no Ensino Médio, ou seja, estudantes na faixa etária de 15 anos. Nessa fase da adolescência, onde a curiosidade ainda é uma característica muito forte, então é essencial que a disciplina aborde temas que os mobilizem e provoquem reflexões a respeito de razões históricas e argumentos racionais acerca de fenômenos naturais ou culturais que os cercam.

Importante ressaltar que no PIBID o acadêmico, que tem o seu primeiro contato com a docência, começa a perceber a discrepância entre a teoria e a prática na realidade, nota-se a dificuldade de aplicar o que aprendemos na teoria em sala de aula, especialmente quando a oferta é de apenas uma aula semanal com a duração de 50 minutos, realidade do estado de Mato Grosso do Sul. Se pensarmos em uma escola pública, na qual, em muitos casos temos a média de 30 alunos por turma, precisamos reservar pelo menos dez minutos para organização antes de começar a aula, para os alunos e professores possam realizar chamada, dar recados pontuais entre outras coisas. Logo, o tempo de aula é reduzido para apenas 40 minutos e isso deve estar previsto no plano de aula, de modo que esse deve ser flexível para se adaptar a diferentes circunstâncias.

Tendo isso em vista, o papel da escola é contribuir através do currículo e do conhecimento. No Ensino Médio é essencial que haja uma preparação para a vida após escola, ou seja, informações políticas, sociais e econômicas são fundamentais para que o aluno dê continuidade ao exercício de cidadania e a Sociologia é primordial para que isso aconteça, o

entendimento da sociedade, a desnaturalização dos fenômenos sociais, o acesso a informação para conhecer os seus direitos, as desigualdades presentes em sua realidade social, entre outros.

O currículo da disciplina de Sociologia deve ser pensado, não em parâmetros nacionais, como acontece, mas sim de acordo com cada realidade social, para que os alunos também se sintam mais à vontade com o conteúdo ensinado e não enxerguem o conteúdo como algo distante de sua realidade. A Sociologia diferente de algumas outras disciplinas, têm um caráter de estranhamento e questionamento, ou seja, não é tão fácil assim de obter a aceitação no geral, o objetivo da Sociologia é exatamente esse, gerar questionamento sobre tudo, analisar, perscrutar a realidade, ela não se baseia apenas no conhecimento, mas também na intervenção, por isso é sempre necessário o cuidado ao educador de Sociologia, pois as experimentações tem consequências indesejadas quando realizadas de modo improvisado, sem maturidade teórica e fundamentação adequada no tempo e espaço.

Em “Formar professores como profissionais reflexivos” Schön (1997), nos mostra que é possível ilustrar uma visão do conhecimento e do ensino por meio de professores que dão voz aos estudantes e à sua cultura. Schön nos lembra que esses saberes são descritos pelo filósofo Michael Polanyi como conhecimentos tácitos e classificados por Paulo Freire como cultura do educando: lavar, cozinhar, contar “causos”, entre outras atividades não agraciadas pelo ensino acadêmico. Schön (1997) desenvolve a teoria do professor reflexivo pelo processo de reflexão-na-ação. Para o pesquisador este mecanismo desenvolve uma série de momentos, sutilmente combinados numa habilidosa prática de ensino. Existe, primeiramente, um momento de surpresa: um professor reflexivo permite-se ser surpreendido pelo que o aluno faz. Num segundo momento, reflete sobre este fato, ou seja, pensa sobre aquilo em que o aluno disse ou fez e, simultaneamente, procura compreender a razão por que foi surpreendido. Depois, num terceiro momento, reformula o problema suscitado pela situação. Num quarto momento, efetua uma experiência para testar a sua nova hipótese (SCHÖN *in* NÓVOA, 1997).

Assim, Schön (1997), classifica essa dualidade do saber acadêmico/saber prático como representações figurativas e formais. As representações figurativas são comumente chamadas de saberes práticos ou cultura do educando, como já pensado por Paulo Freire. Schön explica que as representações formais se relacionam com o saber positivista, pautado nas ciências de caráter enciclopédico, representado pela instituição escolar. Através da reflexão-na-ação, o professor poderá entender a compreensão figurativa que o aluno traz para a escola, evitando assim, vários mal-entendidos em relação ao papel da educação mediante aos saberes formais e reflexivos. Quando um educador auxilia um aluno a coordenar as representações

figurativas e formais, não deve considerar a passagem do figurativo para o formal como um “progresso”. Pelo contrário, deve ajudar o educando a associar estas diferentes estratégias de representação. O ato de compreender, diz Schön (1997), está diretamente ligado à confusão criada pelo novo. Um grande inimigo da confusão é a resposta que aparece como verdade única. Não há lugar para a confusão e reflexão que ela causa quando houver uma única resposta certa, principalmente pela suposição na qual o professor é quem ensina e aluno é o que aprende.

Schön (1997) alerta-nos para o fato de que na medida em que os professores tentam criar condições para uma prática reflexiva, geralmente entram em conflito com a burocracia escolar. Isto se deve, em grande parte, ao modelo organizacional escolar, que presa pelas representações formais. Uma iniciativa que ameace os conteúdos tradicionais, obrigatoriamente, ameaçará a escola tradicional. Nesta perspectiva, o desenvolvimento de uma prática reflexiva eficaz tem que integrar o contexto educacional. Estes dois lados da questão – aprender a ouvir os educandos e aprender a fazer da escola um lugar no qual seja “possível” ouvir os alunos – devem ser olhados como inseparáveis.

Quando se tenta incorporar a prática no seio acadêmico, alguns problemas começam a surgir. De um lado encontramos a epistemologia dominante na Universidade e, do outro lado, temos o seu currículo profissional normativo: Primeiro, ensinam-se princípios científicos relevantes, depois a aplicação desses princípios e, por último, tem-se um *practicum* cujo objetivo é aplicar à prática quotidiana os princípios da ciência aplicada. Mas, de fato, se o *practicum* quiser ter alguma utilidade, envolverá sempre outros conhecimentos diferentes do saber escolar. Os alunos-mestres têm geralmente consciência deste desfasamento, mas os programas de formação ajudam-nos muito pouco a lidar com estas discrepâncias.
(SCHÖN, 1997 p. 79).

Por fim, Schön alerta sobre os riscos do retorno do racionalismo técnico (tecnicismo) ao sistema escolar. Caso esta corrente epistemológica domine as instituições pedagógicas, o profissional reflexivo encontrará ainda mais dificuldades de realizar seu trabalho. Nesse sentido, o Ensino da Sociologia mediado pelo programa PIBID nos parece uma saída importante para a formação e autoformação do profissional reflexivo, apontando uma saída necessária para a transformação da educação.

Nesse sentido, é muito importante trabalhar com atividades que saiam do sistema monótono escolar, como por exemplo, seminários para desenvolver a pesquisa com os alunos, mas infelizmente não é possível trabalhar com seminários em todos os lugares, devido a precarização de algumas instituições, que acaba fazendo com que isso não seja possível, também depende da situação socioeconômica do lugar onde está sendo trabalhado, pois como

sabemos, muitos alunos sequer têm acesso a internet ou até mesmo a uma biblioteca nas escolas. Por fim, estratégias como seminários, além de ser importante para desenvolver a pesquisa com os alunos, é também relevante para trabalhar o domínio de habilidades como a oratória, a desenvoltura, e especialmente, a autonomia, desenvolver o senso crítico e trabalhar a autoformação. De modo geral, a experiência com o PIBID fortalece e valoriza a formação de futuros professores e a formação de sua identidade profissional.

CONCLUSÕES

O objetivo deste estudo foi refletir sobre importância do Ensino de Sociologia no Brasil, bem como a formação dos educandos a partir do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), apresentando como pano de fundo um relato de experiência de participação como bolsista PIBID, área de Ciências Sociais. Importante ressaltar que a disciplina de Sociologia se mostra fundamental para a qualidade da educação crítica, indispensável para a formação e autoformação do educando pois instiga a curiosidade, a compreensão da realidade e a importância desta para a desalienação política.

A participação no PIBID é um caminho importante e necessário para a formação da prática docente, especialmente na área de Sociologia, pois ao perfil da disciplina é desafiador, haja visto os inúmeros ataques sofridos pela Sociologia ao longo da história, tentativas de neutralização de seus conteúdos para que não despertasse os indivíduos e não formasse seres questionadores. A reflexão possibilitou repensar a história da Sociologia, seus altos e baixos até que pudesse se estabilizar e se tornar obrigatória nos currículos escolares no Brasil.

Outro ponto importante da reflexão foi repensar a própria experiência a partir da trajetória acadêmica do segundo autor deste estudo, mostrando que a participação no PIBID suscita uma série de reflexões. O PIBID, além de fundamental como uma política pública educacional que contribui para a permanência de estudantes na universidade, oferece diversas possibilidades de formação, em especial, é uma política pública que desenvolve uma relação de proximidade entre a educação básica e a educação superior na formação do discente de cursos de licenciatura, o que também contribui para que a permanência dos estudantes no curso, além de possibilitar a aplicação e prática da teoria em sala de aula, o que contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e difusão da Sociologia em prol da autoformação.

Relevante destacar também a importância da preparação didático-metodológica do futuro docente, pois como ensina Schön, é preciso incorporar novas epistemologias no seio

acadêmico, desafiando modelos conservadores e pragmáticos. É fundamental que os docentes inovem seus métodos de ensino, despertem a atenção dos educandos, e assim promova a necessária relação de proximidade com a realidade social dos estudantes, possibilitando que os mesmos se sintam como protagonistas do processo educacional. Por fim, lembramos a relevância do relato de experiência, retratando, ainda que de forma breve, a importância dos momentos que ilustram a aprendizagem das metodologias adotadas para o Ensino de Sociologia no PIBID, de forma que compreendemos que a aula nunca deve ser resumida somente a exposição de conteúdos pelo docente, uma vez que a valorização da experiência, a exploração do real e os recursos didáticos-metodológicos são essenciais para fomentar a participação na aula, promovendo o acesso ao conhecimento significativo, prazeroso e dinâmico.

REFERÊNCIAS

- ABADE, Flávia Lemos; AFONSO, Maria Lúcia Miranda. **Jogos para pensar: Educação em Direitos Humanos e Formação para a Cidadania**. Autêntica, 2016.
- ALVIM, Adriano Simioni et al. A IMPORTÂNCIA DA SOCIOLOGIA PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALUNO NO ENSINO MÉDIO. In: **Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online**. 2019.
- ARENDT, Hannah et al. A crise na educação. **Entre o passado e o futuro**, v. 5, p. 221-247, 2000.
- BÁSICA, Educação. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL, MEC. **Orientações curriculares para o Ensino Médio; volume 3-Ciências humanas e suas tecnologias/Secretaria de Educação Básica**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.
- BODART, Cristiano das Neves; SILVA-SAMPAIO, Roniel. Quem leciona Sociologia após 10 anos de presença no Ensino Médio brasileiro. **O Ensino de Sociologia no Brasil**, v. 1, p. 35-61. 2018
- CANDIDO, Antônio. A SOCIOLOGIA NO BRASIL. **Tempo social: revista de Sociologia da USP**. Vol.18, 2006.
- CANDIDO, Aécio. **A IMPORTÂNCIA DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO**. 2008.
- FERREIRA, Fabiana. A Sociologia no Ensino Médio: concepções de professores sobre formação crítica para a cidadania. **Estudos de Sociologia**, v. 2, n. 18, 2012.
- MORAES, Amaury César. Parecer sobre o Ensino de Filosofia e de Sociologia. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 12, n. 1, p. 239-248, 2007.

MORAIS, Erivania Melo. ENSINO DE SOCIOLOGIA E INTERDISCIPLINARIDADE: BREVES CONSIDERAÇÕES. **Revista Eletrônica LENPES-PIBID de Ciências Sociais - UEL**. Edição N°. 7, Vol. 1, jan./dez. 2017.

OLIVEIRA, Luiz F. de; COSTA, Ricardo C. R. da. Sociologia para jovens do século XXI. **4 ed. – Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio**, 2016.

OLIVEIRA, Amurabi. Revisando a História do Ensino de Sociologia na Educação Básica. **Maringá: Acta Scientiarum**, v. 35, n. 2, pp. 179-189, 2013.

PESTANA, Francynilde Cardoso. **O Ensino da Sociologia no Ensino Médio: análise das percepções de estudantes de uma escola pública**. 2018.

ROCHA, CLÁUDIO CÉSAR TORQUATO. **Saberes da docência aprendidos no PIBID: um estudo com futuros professores de Sociologia**. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Educação)–Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação. 2013

SANTOS, Mário Bispo dos. **O Pibid na área de ciências sociais: da formação do sociólogo à formação do professor em Sociologia**. 2017.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Orientações curriculares para o Ensino Médio**. Vol. 3. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 133 p.

SCHÖN, D. A. **Formar professores como profissionais reflexivos**. In: NÓVOA, A. (org) Os professores e sua formação. Lisboa, Dom Quixote, 1997.